

O PAPEL PROGRESSISTA E INSUBSTITUÍVEL DOS SINDICATOS

Lurdes silva

(professora aposentada)

Os sindicatos têm um papel progressista e insubstituível

Esta afirmação não carece de demonstração mas convém sublinhá-la.

Vejamos.

Li no mês passado um livro de Charles Derber, intitulado *A Maioria Deserdada*, que conta o seguinte:

Numa das minhas aulas de economia política começo com um exercício. Alinho cinco alunos à frente da sala, ao lado uns dos outros e representando cada um 20% da população (um "quintil"). Depois peço-lhes que avancem ou recuem, reflectindo a alteração no rendimento real doméstico do seu quintil ao longo dos últimos 25 anos. Recuam um passo por cada 10% de decréscimo (portanto, se o rendimento sofreu uma redução de 30%, eles dão três passos atrás, não se mexem se o rendimento não tiver sofrido alterações, e avançam um passo por cada 10% de aumento; se o rendimento médio do seu quintil tiver aumentado 40%, avançam quatro passos). O que acontece? O quintil mais baixo, ou mais pobre, recua quase um passo; o segundo mais baixo e o do meio mal avançam, cerca de meio passo; o segundo quintil mais elevado avança quase quatro passos; e os 20% mais ricos avançam uns sete passos. Porém, aquilo que mais chama a atenção dos alunos é o 1% de topo, que avança cerca de 11 passos__ e, por vezes, acrescento o centil de topo, que avança tanto que o aluno que o representa tem de sair da sala e entrar no edifício contíguo da universidade.

Esta imagem diz-nos que, no mundo capitalista, os pobres ficam mais pobres e os ricos muito, muito, muito mais ricos.

Este 1% detém a grande parte da riqueza que se produz.

A riqueza desta gente cresceu mais que a riqueza que se produz, o que só se explica com o aumento das desigualdades.

E a expectativa é que isto, nas nossas sociedades, continue e se agrave.

Assim sendo, e é, a questão é esta: como parar isto?

É que isto é radicalmente injusto e atenta contra a dignidade do ser humano, já que todos nascemos iguais e temos iguais direitos.

Ou queremos pôr em causa o que os americanos proclamaram em 1776 e o que foi escrito, em 26 de Agosto de 1789, na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão quando, considerando que a ignorância, o esquecimento ou o desprezo dos direitos do homem são as únicas causas dos males públicos e da corrupção dos governos, inscreveu logo no artigo 1º que os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos?

A sociedade capitalista a funcionar por si produz e tende a aumentar as desigualdades. É “natural” que os que são mais fracos sejam vítimas da violência dos mais fortes. O poder político tem de intervir para impedir que isto aconteça.

Quem tem tido uma acção determinada, persistente e continuada em favor dos direitos sociais, económicos e culturais? Em favor da igualdade? Os sindicatos têm estado seguramente na primeira linha desse combate.

Quem pugnou pela educação de infância como direito universal?

Quem colocou na agenda a exigência de uma formação de nível superior para todos os docentes?

Quem lutou e lutou pela formação profissional de todos os educadores?

Quem tudo fez para que o ensino básico fosse obrigatório e gratuito até ao 9º ano? E agora até ao 12º? E para que o acesso ao ensino superior apenas dependesse do mérito?

Quem, desde a 1ª hora, inscreveu nos seus cadernos reivindicativos a formação contínua como um direito e um dever dos professores?

Quem desde sempre reclamou quadros de escola à dimensão das reais necessidades das escolas?

Quem tem a defesa da escola pública de qualidade como lema de acção?

Quem contribuiu determinadamente para a construção da docência como profissão?

Quem ousa afirmar que estas transformações não foram no sentido do progresso?

Quem ousa afirmar que uma escola pública de qualidade não é um pilar da democracia e de uma sociedade mais justa?

Quem ousa afirmar que bons professores não fazem toda a diferença na vida dos alunos?

Então se tais transformações foram no sentido do progresso, então se os sindicatos agiram no sentido de elas se realizarem, não restam dúvidas: os sindicatos têm um papel progressista.

É por isso que compreendemos bem o ódio que certos poderes e que certos políticos têm aos sindicatos e aos sindicalistas não amansados.

Odeiam-nos porque os nossos êxitos são os seus prejuízos.

Quanto mais direitos trouxermos para o nosso lado, porque a isso temos direito, menos será a riqueza que nos sugam, menos engordarão as contas dessa gente.

O nosso lado é o outro lado, é o lado oposto ao lado dessa gente.

É o lado da igualdade e, portanto, da democracia.

Eles têm dinheiro, riqueza, poder. Mas são 1%.

Nós temos a razão, a justiça. E somos 99%.

É por isso que temos de nos unir para que a força da maioria que somos seja forte o bastante para que a razão e a justiça tenham uma oportunidade

Há várias formas de organização para a intervenção social.

Os trabalhadores têm nos sindicatos a sua organização.

Acaso têm outra?

Seremos estúpidos ao ponto de deixarmos que as nossas organizações de classe sejam enfraquecidas e destruídas?

Se tal acontecesse, como nos protegeríamos? Como nos defenderíamos? Como? Como?

Ficaríamos totalmente à mercê da total ganância, da total cupidez do 1%.

É isso que queremos para nós e para as gerações mais jovens?

Então temos de nos juntar, de nos organizar nos sindicatos. Nada os substitui.

Os sindicatos têm, evidentemente, como fica claro, um papel insubstituível.

Principalmente em tempos como os que vivemos.

Vamos levar por diante campanhas de sindicalização animados pela necessidade e pela urgência da hora que passa. Com a compreensão do campo em que nos situamos e dos poderes que nos exploram.

Exorto os jovens professores, vítimas de tantos agravos e quantas vezes com vidas tão difíceis, a acolherem-se debaixo do manto protector dos sindicatos, a fazerem as suas lutas, a tomarem a linha da frente. Enquanto trabalhadores, não temos outro tecto que nos abrigue. Exorto-os, por isso, a não terem medo, a confiarem.

A razão e a justiça hão-de triunfar.

Vamos ser mais, mais unidos e mais fortes.

Vamos, a democracia depende de nós. É preciso estarmos bem cientes disto.

Vamos, que se faz tarde.

